



MEDIEVALISTA

N.º28 | Julho – Dezembro 2020

ISSN 1646-740X

---

**Recensão / Book review: DONNELLY, Andrew - *Cooking pots, and cultural transformation in Imperial and Late Antique Italy*. PhD thesis. Loyola University Chicago, 2016  
(298 pp.)**

***José Carlos Quaresma***

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,  
Instituto de Estudos Medievais  
1070-312 Lisboa, Portugal

[josecarlosquaresma@gmail.com](mailto:josecarlosquaresma@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-3139-1975>

Data recepção do artigo / Received for publication: 12 de Setembro de 2019



Já com três anos de vida, a tese que apresentamos nesta recensão é de uma importância maior para Historiadores e Arqueólogos da Antiguidade Tardia, que se debruçam sobre a evolução da dieta humana e dos utensílios para a sua confecção e degustação – no caso vertente, a evolução das cerâmicas de uso culinário, sob o ponto de vista funcional das morfologias.

Desde a formulação do conceito de Antiguidade Tardia, por Peter Brown, em 1971<sup>1</sup> – à época, um sucedâneo ao marcante estudo sobre o *Later Roman Empire* de A. H. M. Jones, editado em 1964<sup>2</sup> –, que se marcou no tempo, em definitivo, uma nova etapa de estudo conjugando séculos de profunda transformação entre o sistema tardo-romano e o novo mundo alto-medieval. A definição conceptual de um mundo tardo-antigo permitia abandonar a dicotomia simplista entre um mundo *civilizado*, romano, de tradição clássica, e um mundo *bárbaro*, multifacetado étnica e geopoliticamente e que, embora parcialmente herdeiro de mundividências romanas, era tradicionalmente visto pela Historiografia e pela Arqueologia como o fim de um tempo áureo.

Essa ideia, mormente a acumulação neste meio-século de estudos que apontam para tantos vectores de continuidade, ainda tem defensores mais ou menos acérrimos, que vêem na queda de Roma, no ano de 476, o fim definitivo de um mundo ocidental europeu. Esta tese fez sucesso editorial, ainda recentemente, nos anos 2000, através do livro redigido por Brian Ward-Perkins, académico de Oxford, com o inequívoco título de *A queda de Roma e o fim da civilização*<sup>3</sup>.

Por norma, este tipo de estudos baseia-se muito mais em dados de cariz eminentemente historiográfico, i.e., fontes escritas, do que eminentemente arqueológico, i.e., cultura material. Esse pecado original, embora justificável pelas

<sup>1</sup> BROWN, Peter – *O fim do mundo clássico. De Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Verbo, 1971.

<sup>2</sup> JONES, Arnold Hugh Martin – *The later Roman Empire. 284-602. A social economic and administrative survey*. Oxford: Basil Blackwell, 1964-1973.

<sup>3</sup> WARD-PERKINS, Bryan – *A queda de Roma e o fim da civilização*. Lisboa: Aletheia, 2005.

dinâmicas ainda pouco conseguidas e constantes entre estes dois saberes do passado humano, torna-se menos justificável em face dos profundos avanços que a Arqueologia fez do ponto de vista da metodologia estratigráfica, tão crucial (como em qualquer período...) para a identificação dos fenómenos tardo-antigos na cultura material.

Na verdade, fontes históricas como a *Crónica* do Bispo Idácio de Chaves<sup>4</sup>, escrita por volta do ano de 470, marcaram ambos os campos científicos, com a sua imagem *negativa* da turbulência política do período em que viveram homens como o sacerdote flaviense. A sua mundividência, então suevo-visigótica, estava eivada de pessimismo, um sentimento que marcava muitas das elites cristãs desde o século IV, pelo menos. Por outro lado, até há bem poucas décadas atrás, a falta de dados arqueológicos para o século V em diante era o resultado da persistência de escavações com pouca ou nenhuma base metodológica, que assim destruíram, sem registo, os *ruídos*, por vezes toscos e heterogéneos, que se sobrepunham estratigraficamente às estruturas arquitectónicas, rurais ou urbanas, de época romana. A isto se podia ainda juntar a tentativa de conjugar dados historiográficos com dados arqueológicos, que originaram, por exemplo, a identificação de níveis de destruição em cidades como *Conimbriga*, com as descrições de abandono urbano descritas pelo bispo flaviense, para os anos de 465-468. Hoje sabe-se que esta cidade, como outras amiúde, mantiveram-se vivas, ainda com aparente configuração urbana nalguns casos; noutros, com ocupações pontuais, como provas o estudo de López Quiroga, em 2013<sup>5</sup>.

Serve este longo introito para enquadrar a falta de estudos tipológicos no âmbito da ceramologia tardo-antiga, já que – num mundo em que muitas das linhas comerciais estavam enfraquecidas ou extintas, e muitos sítios residenciais, urbanos ou rurais, para além de centros produtores, haviam sido abandonados –, identificar, no caso peninsular, estratigrafias posteriores à primeira metade do

<sup>4</sup> TRANOY, Alain – *Hydace. Chronique*. 2 vols. Paris: Les Éditions de Cerf, 1974.

<sup>5</sup> LÓPEZ QUIROGA, Jorge (ed.) – *Conimbriga tardo-romana y medieval. Excavaciones arqueológicas en la Domus Tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*. Archaeopress. (*Bar International Series* 2466), 2013.

século V, constitui tarefa árdua. Na verdade, com a escassez ou mesmo inexistência de materiais finos de importação, em circulação, identificar essas realidades pós-romanas exige o estudo aprofundado das cerâmicas comuns, um fenómeno de matriz profundamente local e regional, longe das grandes tipologias de cerâmicas finas de grande circulação. Mas, o que os estudos vão indicando, pouco a pouco, é também que, apesar da evidente atomização do mundo tardo-antigo, algumas linhas de contacto de longa-distância permanecem, por exemplo, entre o extremo Mediterrâneo Oriental e o Atlântico, de que são exemplo primeiro a chegada de *Late Roman Amphorae* e de *Terra Sigillata* Foceense Tardia à fachada atlântica peninsular e à *Britannia*, particularmente até meados do século VI, mas com extensões posteriores; ou o envio de um grande carregamento de cereais por parte do Bispo de Alexandria, João, o Esmoler, para o território britânico, em carestia, já no século VII<sup>6</sup>.

A tese de doutoramento de Andrew Donnelly, defendida em 2016 na Loyola University Chicago, versa o estudo comparativo entre fontes históricas, relativas à gastronomia tardo-antiga, e as cerâmicas culinárias encontradas nas estratigrafias do espaço itálico, entre os séculos IV/V e VII d.C.. Do ponto de vista estratigráfico, esta tese propõe-se assim analisar criticamente as morfologias funcionais de cozinha, e subjacentes hábitos alimentares, ao longo de depósitos que atravessam o período tardo-romano, ostrogodo (em parte sob a influência comercial do reino vândalo, instalado no Norte de África entre 439 e 533 d.C.), bizantino e lombardo.

Do ponto de vista historiográfico, analisa três grandes fontes: Vinidário, que representa a tradição romano-gótica, no século V ou VI; Anthimo, que terá trabalhado nas cortes do rei franco Teodorico e do rei ostrogodo homónimo, no século VI, e finalmente o bispo de Sevilha, Isidoro, já do século VII.

A tese divide-se em quatro grandes capítulos:

---

<sup>6</sup> QUARESMA, José Carlos – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Lisboa: UNIARQ (*Estudos e Memórias*, 4), 2012.

- um primeiro, dedicado às cerâmicas de cozinha: vocabulário, contexto e uso do ponto de vista arqueológico;
- dois outros capítulos, consagrados às cerâmicas de cozinha e suas referências nas fontes escritas;
- um último, votado à análise das estratigrafias urbanas e rurais, no espaço itálico, que possuem cerâmicas culinárias: evolução cronológica e espacial dos tipos e morfologias e das funcionalidades decorrentes.

Este estudo, tal como muitos dos que vão saindo amiúde, e que procuram fazer uma análise antropológica dos espólios arqueológicos, aplica um método quase que diríamos estruturalista, identificando dois polos básicos: uma gastronomia de matriz clássica-romana que se conjuga com uma gastronomia de cariz *bárbaro*, multifacetada geopolítica e etnicamente. Tal é-nos revelado por dois grandes conjuntos cerâmicos funcionais: o tacho como grande representante dos guisados e da preferência pelos ovi-caprinos, aos quais se pode juntar, em muito menor grau, a sobrevivência do prato covo/frigideira, para frituras com azeite; a panela como grande representante da confecção de cozidos e da preferência pelo gado *vacum*. Os tachos (e pratos covos/frigideiras) representam a manutenção do gosto clássico; as panelas crescem em número com a consolidação progressiva do mundo pós-romano.

Esta dicotomia é já abordada em outros autores<sup>7</sup> e muito deve, não só às novas realidades políticas e étnicas que marcam o mundo ocidental europeu, mas também à consolidação do novo período climático denominado como *Dark Ages Cold Period*, ou seja, do período glacial vivido entre os séculos IV e VIII, sucedâneo do período interglacial puro, denominado por *Roman Warm Period*, que havia durado entre os séculos II a.C. e o século III/IV d.C.. Este novo contexto ambiental influi cumulativamente nas novas realidades políticas que vão separando lentamente o Continente do Mediterrâneo e este último do Atlântico.

---

<sup>7</sup> Por exemplo, ARTHUR, Paul – “Pots and boundaries. On cultural and economic areas between Late Antiquity and the Early Middle Ages”. in BONIFAY, M., TRÉGLIA, J.-M. (eds.) – *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry*. BAR-IS 1662 (I), 2007, pp. 15-27.

No espaço itálico, para além da consolidação progressiva da panela, vemos, porém, até meados do século VI, um papel ainda marcante do tacho, por vezes, e sobretudo em Roma, acompanhado pelo prato covo/frigideira. Para o autor, na Itália ostrogoda dos séculos V e VI, ocorre um aumento significativo do consumo de carne, atestado pelas fontes escritas e no registo arqueológico dos sítios rurais (em clara oposição aos dados referentes ao período médio-imperial), que agora estão menos constrangidos pelas regras fundiárias romanas. A verdadeira ruptura deste mundo tardo-antigo, do ponto de vista alimentar, dar-se-á por volta de meados do século VI e deverá relacionar-se com a crise demográfica, nos espaços mais ligados ao poder bizantino, entretanto reconquistador do Norte de África, de parte de Itália e do Sul hispânico. A *Renovatio Imperii* de Justiniano é marcada não só por guerras esgotantes a Ocidente, mas também por uma praga de consequências devastadoras e contornos geográficos ainda por determinar com precisão no Mediterrâneo ocidental (e no Atlântico?).

A pertinência do estudo de Andrew Donnelly é hoje evidente, em face do avanço dos estudos crono-estratigráficos e crono-tipológicos, um pouco por todos os espaços da Antiguidade Tardia, mas assume uma importância maior quando comparado com os dados, por exemplo, que a investigação arqueológica está a obter em regiões tão distantes como Lisboa, importante porto da fachada atlântica peninsular, onde sectores como o das Escadinhas de São Crispim, com fases de 500-525 e 525-550 d.C., apontam para um equilíbrio entre tachos e panelas, dando-se a ruptura definitiva em 550-575 d.C., segundo os dados de um sector próximo, o do Palácio dos Condes de Penafiel<sup>8</sup>.

Do ponto de vista comercial, a investigação arqueológica já havia começado a intuir uma quebra ao longo do século V, seguida de retoma pontual tardo-vândala, no Mediterrâneo ocidental, com extensão em menor grau ao Atlântico. E que o

---

<sup>8</sup> QUARESMA, José Carlos – “Late contexts from Olisipo (Lisbon, Portugal): Escadinhas de São Crispim”. in DUGGAN, M.; TURNER, S.; JACKSON, M. - *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard. International symposium. New Castle University, March 26-27<sup>th</sup> 2014*. Oxford: Archaeopress (*Roman and Late Antique Mediterranean Pottery*; 15), 2020, pp. 94-107.

segundo quartel/meados do século VI representavam um novo decréscimo acentuado das importações, que no caso do território lusitano se tornam mesmo efémeras a partir desse ponto temporal<sup>9</sup>. O que a investigação da cerâmica comum em estratigrafia começa a anunciar é um paralelismo transregional (que urge ainda estudar em quantidade, estando longe de especificado!) ao nível dos hábitos culinários, que sofrem uma atomização clara, não só a partir das convulsões do século V, mas novamente, e em maior grau, a partir de meados do século VI.

**COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:**

QUARESMA, José Carlos – “DONNELLY, Andrew - *Cooking pots, and cultural transformation in Imperial and Late Antique Italy*. PhD thesis. Loyola University Chicago, 2016 (298 pp.)”. *Medievalista* 28 (Julho – Dezembro 2020), pp. 397-403. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



<sup>9</sup> QUARESMA, José Carlos – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano...*; REYNOLDS, Paul – *Hispania and the Roman Mediterranean. AD 100-700. Ceramics and trade*. London: Duckworth, 2010.